

O ambientalismo de papel e o antipatriotismo no papel

Sebastião Renato Valverde*

Tem-se veiculado com significativa frequência nas principais emissoras de TV, tanto de canal aberto quanto fechado, um sistemático, pesado e sórdido ataque contra o consumo de papel. As mensagens atribuem-lhe culpa pelo desmatamento das florestas nativas e o aquecimento global, dentre outras esquizofrenias ambientalistas patrocinadas e, ou, orientadas por ong's internacionais e seus representantes e seguidores no Brasil, alguns ingênuos e outros mal-intencionados.

Estranha o fato de que não houve qualquer campanha desse tipo enquanto o mercado mundial de celulose, matéria-prima do papel, foi abastecido pelas nações do Hemisfério Norte com madeira de matas nativas, sem ameaça da concorrência do produto brasileiro. Agora que o País desponta como competidor qualificado, devendo tornar-se, em breve, o maior exportador mundial (utilizando somente árvores cultivadas), tais ondas de desinformação e publicidade enganosa brotam de todos os lados.

Se há desmatamento para a produção, é nos países do Norte, porque no Brasil o papel se faz com madeira cultivada (silvicultura), principalmente em áreas de pastagens degradadas. Ademais, a atividade leva a um aumento das florestas nativas, principalmente da Mata Atlântica, pois a lei estabelece que estas, nas áreas de matas plantadas, devem circundar e proteger as nascentes e as margens de cursos d'água. Nas propriedades agrícolas em geral, a cobertura florestal nativa, em média, é inferior a 20%; nos estabelecimentos dedicados à silvicultura, é superior a 50%.

Com isso, os leitores e consumidores brasileiros de papel podem continuar tranquilos e em absoluta paz com a sua consciência ecológica. Se quiserem mesmo proteger as florestas nativas, o ideal é ler bastante livros, revistas e jornais, para ficarem cada vez mais informados, consumir produtos impressos, trocar sempre as sacolas plásticas pelas de papel e imprimir quantas vezes for necessário. Não há necessidade de desperdícios, mas não há por que se abster da impressão, utilização de papéis sanitários, papel-toalha e papel higiênico.

Uma destas equivocadas campanhas televisivas associa o processo sequencial de cópia reprográfica com a imagem da derrubada de uma floresta. Entretanto, o que de fato ocorre é o

contrário, pois cada vez que se tira uma cópia, mais árvores nativas são plantadas ou regeneradas onde antes se degradava. Na verdade, o mais justo é que este vídeo seja mostrado na sua rebobinação.

Entristece-me o fato de as entidades representativas dos segmentos de celulose e papel não reagirem implacavelmente contra essas campanhas antipatrióticas. Temos de esclarecer a sociedade que, ao contrario do que se veicula, o nosso papel é oriundo do que tem de mais moderno, mais ambiental e socialmente correto na produção florestal. É preciso deixar claro que, além de protegermos e recuperarmos nossas florestas nativas, temos missão importante na redução do aquecimento global, haja vista o aumento do estoque de carbono das plantações florestais em relação ao do capim.

Uma das oportunidades de tirar este país do histórico subdesenvolvimento é por meio da expansão do setor florestal, sobretudo do segmento industrial de celulose e papel, dado o seu potencial de geração de empregos, rendas, divisas e impostos e considerada a sua maior competitividade. Desta forma, cada um deve fazer o seu *papel*. E nós, da cadeia produtiva da comunicação impressa e da celulose, continuaremos a fornecer o melhor produto. Consuma mais e conscientemente para ajudar a proteger as florestas tropicais e a diminuir a temperatura do Planeta. Não vamos desperdiçar a oportunidade de desenvolver o Brasil. A hora é esta! Seja patriota! Os brasileiros, principalmente os menos favorecidos, agradecem.

***Professor Associado do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. valverde@ufv.br.**